

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ROTEIRO DE VISITAÇÃO AO PROJETO ATELIÊ ARTE NAS COTAS, EM CUBATÃO, SÃO PAULO, BRASIL

TOURISM OF COMMUNITY BASE: EXPERIENCE REPORT ON THE VISITATION OF
THE SCRIPT WORKSHOP ART PROJECT “ATELIÊ ARTE NAS COTAS” IN CUBATÃO,
SAO PAULO, BRAZIL

ARISTIDES FARIA LOPES DOS **SANTOS**, RENATO **MARCHESINI**, RENATA ANTUNES DA **CRUZ**

Para obter mais informações sobre este estudo, ou para contato com os autores, escreva para: secretaria@conbrad.com.br
Secretaria do CONGRESSO BRASILEIRO DE ADMISTRAÇÃO. Rua Marcílio Dias,1290, sala 502. Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87050.120.

Recebido em 20/01/2015. Aceito para publicação em 03/02/2015

RESUMO

Como o turismo pode induzir o processo de promoção social? Para responder ao problema de pesquisa apresenta-se um relato de experiência de turismo de base comunitária empreendida pela agência de viagens e turismo Caiçara Expedições em parceria com o projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, realizado em Cubatão no estado de São Paulo, região sudeste brasileira. O projeto é parte do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de parceria entre o Bando Interamericano de Desenvolvimento e o governo estadual. Esse estudo de caso possui natureza empírica, caráter exploratório e a abordagem de análise dos dados é qualitativa. Realizou-se pesquisa bibliográfica, documental e observação participante. Verificou-se alta adesão da comunidade tanto por meio da participação nos cursos práticos quanto da autorização para pintura de suas casas. Constatou-se o orgulho dos moradores cujas casas foram coloridas, sobretudo, por que passaram a receber visitantes. Conclui-se que o roteiro promovido pela Caiçara Expedições ajuda a valorizar as pessoas e a comunidade como um todo, a promover uma nova identidade cultural e a transformar a realidade socioeconômica local pelo turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo de base comunitária, sustentabilidade, hospitalidade.

ABSTRACT

How tourism can induce the process of social promotion? To answer to this question this research presents an experience report about a community-based visiting script promoted by “Caiçara Expedições” in partnership with the “Ateliê Arte nas Cotas” project held in Cubatão in the state of São Paulo, southeastern of Brazil. The project is part of the “Serra do Mar Social Environmental Re-

covery Program”, originated from a partnership between the Inter-American Development Bank and the state government. This case study has empirical, and exploratory approach and the data analysis is qualitative. It was performed a bibliographical and documentary research and participant observation. This research observed high adherence of the community both through participation in the workshops as through the permission to paint their homes. It was observed the pride of the residents whose houses were colored, especially, as they have experienced receiving visitors. It was concluded that the visiting script promoted by “Caiçara Expedições” helps valuing people and the community as a whole, promoting a new cultural identity and transform the local economic reality by tourism.

KEYWORDS: Community based tourism, sustainability, hospitality.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo relata a experiência de turismo de base comunitária empreendida pela Caiçara Expedições em parceria com o projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, realizado no município de Cubatão, localiza-se na Região Metropolitana da Baixada Santista, litoral do estado de São Paulo. O objetivo do referido projeto é elevar a autoestima dos moradores e promover a construção de nova identidade comunitária. Como relatado nesse trabalho, verifica-se que as ações citadas acontecem em comunidades carentes do município de Cubatão.

O referido projeto é parte integrante do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de uma parceria entre o Bando Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado de São Paulo representado por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), da Fundação

Florestal e da Polícia Militar Ambiental.

Ao todo, a região possui 1.625.000 habitantes, sendo que Cubatão tem 125.178 (IBGE, 2013). Mais especificamente, a cidade foi edificada no sopé da Serra do Mar, que originalmente servia como ponto de parada para as pessoas que acessavam ao planalto paulista. Conforme informações da Prefeitura Municipal de Cubatão (2013), para acessar ao planalto, “*seguia-se no início a trilha dos índios Tupiniquins. Depois, através do Vale do Rio Perequê (...). Mais tarde, a Calçada do Lorena se tornou o principal caminho entre o litoral e o planalto*”.

No início do século XX teve início o processo de industrialização do país e, nos anos 1920, iniciaram as obras de construção de duas grandes indústrias: São Paulo Light S.A. Serviços de Eletricidade e fábrica de papel e celulose Companhia Santista de Papel S.A. (denominada originalmente como Companhia Fabril de Cubatão), que iniciou suas operações em 1932. A segunda, por sua vez, motivou a criação da vila Fabril, local de moradia dos funcionários que trabalhavam na empresa.

Atualmente, o bairro passa por processo de estudo e planejamento de intervenções de recuperação urbana, restauração do patrimônio arquitetônico local e qualificação profissional dos moradores locais, sobretudo, por meio da implantação do Centro Vocacional Tecnológico (em fase final de obras) na cidade, espaço educacional que objetiva a qualificação profissional para inclusão no mercado de trabalho local e regional.

Dentro desse universo de ações, em 2011, surgiu a iniciativa de criação do “Ateliê Arte nas Cotas”. Os alunos aprendem técnicas de estêncil, que consiste na aplicação de tinta com rolos, ou sprays para preencher um papel com desenho vazado. Essa técnica e mosaicos são aplicados nos muros das casas do bairro Cota 200. Além dessa iniciativa, são confeccionadas camisetas, agendas e almofadas, que são vendidas e cujo faturamento revertido ao projeto.

Desde 2013, a Caiçara Expedições, agência de viagens e turismo sediada na cidade vizinha de São Vicente, oferece um roteiro turístico de base comunitária, ou seja, que preconiza a experiência e o relacionamento do turista em contato com as pessoas da localidade.

Essa pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência. É um estudo exploratório, cuja abordagem de análise dos dados é qualitativa. Realizou-se pesquisa bibliográfica e documental e observação participante.

O trabalho foi organizado em dois tópicos temáticos, sendo o primeiro sobre a convivência e a coabitação em comunidade, onde se insere a atividade turística e as relações de hospitalidade entre visitante e visitado. Os principais autores consultados foram Grinover (2007), Yáziği (2001), Bauman (2003), Wall (1997) e Laraia (2008).

Já no segundo tópico apresenta-se no, além de dados sociais, econômicos e ambientais sobre o município de Cubatão, o relato do roteiro de visitaçao do projeto “Ateliê Arte

nas Cotas”, realizado em Cubatão. A elaboração do panorama histórico da cidade de Cubatão teve como principal referência.

As visitas de observação participante ocorreram nos dias 20 de abril de 2013 e no dia 08 de junho de 2014. Nessas ocasiões os pesquisadores tiveram contato com voluntárias do projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, turistas (residentes na própria Região Metropolitana da Baixada Santista) e moradores da Cota 200.

2. DESENVOLVIMENTO

Turismo de base comunitária: relações de hospitalidade

Para essa pesquisa, a hospitalidade compreende-se como a intenção espontânea de receber bem, da atitude intencional ou involuntária de acolher, proteger e servir ao visitante, seja este convidado ou não. Montandon apud. Grinover (2007) escreve que a hospitalidade “não se reduz ao oferecimento de uma restauração ou de um alojamento, mas à relação interpessoal estabelecida, que implica uma ligação social e valores de solidariedade e de sociabilidade”. É possível perceber nessa citação dois pontos essenciais para a discussão em torno da hospitalidade: “relação interpessoal”; e “ligação social”.

Primeiro, conforme o autor sugere, torna-se possível inferir que se há relação de hospitalidade, a mesma deve ser pessoal, humana e, dessa maneira, jamais impessoal, que remete, então, a hostilidade. Do mesmo modo, se há relação pessoal, direta entre visitante e visitado, passa a existir uma ligação, uma relação social, que remete invariavelmente a uma relação comunitária, já que o indivíduo carrega consigo elementos de seu entorno – material e imaterial – habitual. Cabe, então, uma reflexão em torno dos cenários em que se desenrolam os fenômenos sociais apresentados anteriormente, como propõe Grinover (*idem*, p. 20)

O autor afirma que “a história da hospitalidade é a história do homem, de seus encontros, de seus diálogos e de tudo aquilo que tem criado para facilitar sua aproximação com seus semelhantes”. Acredita-se que seja fundamental discutir sobre os espaços onde se materializam tais relações e – dada a proposta desse estudo – a análise de uma experiência gerencial no campo do turismo de base comunitária parece ser um meio enriquecedor para tal.

Discute-se há bastante tempo a questão da cobrança de taxas de ingresso para visitaçao a monumentos do patrimônio material, tais como acervos de museus ou mesmo áreas naturais protegidas. O termo “privatizaçao” parece ser percebido de maneira equívoca e mesmo sua compreensão destoada ideológica e propositadamente.

No intuito de promover a cultura local, as tradiçoes da populaçao autóctone e o folclore regional, gestores públicos ligados a áreas como turismo, lazer e cultura,

por exemplo, tendem a incorrer nesse equívoco conceitual. Há de se concordar que a transversalidade do turismo impõe um desafio relevante no sentido de equilibrar interesses (entre entes públicos e privados) e equacionar conflitos (entre comunidades receptoras e seus visitantes).

Assim, privatizar as manifestações tem sido privatizar o acesso do público (seja local ou não). A consequência tende a ser a segregação e a cenarização de rituais e mesmo da paisagem. Trata-se, pois, da conversão de costumes e em cenas, que, segundo Bauman (2003), torna a comunidade em uma “*estética gerada pela [pré]ocupação com a identidade [...] que alimenta a indústria do entretenimento*”. Antagonicamente, é a comercialização¹ do patrimônio que o faz deixar de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “vendido” como atrativo turístico (WALL, 1997). O turismo baseia-se no consumo e na apropriação dos espaços, privatizando alguns e recuperando a utilidade pública de outros.

Sobre essa ambiguidade, Barretto (2000) afirma que “*a revitalização de bairros inteiros para o consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas neles existentes*”. Nesse sentido, o olhar sobre tais iniciativas deve ser ponderado e a propositura de projetos tem de atender aos preceitos de sustentabilidade social (os quais demandam base local, participação comunitária e distribuição de benefícios e mitigação de custos, também).

A questão é controversa. Parece clara a necessidade de proteção, de defesa. Mas, ao mesmo tempo, esses termos soam como distanciamento ou desconhecimento. Fato é que há de se financiar tal administração. E qual organização deverá fazê-lo? A própria Constituição Federal informa, na Seção II: da Cultura, em seu artigo 216, que “*o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais*”. Ora, se a Carta Magna afirma que “garante o acesso”, logo preconiza que a privatização citada anteriormente deixa de ser polêmica e passa a ser inconstitucional.

Fica evidente a demanda por erradicação da visão de preservação do patrimônio cultural desligada de seu uso social e do acesso pela população. Assim, ganham força tanto o senso de cidadania, quanto a questão da sustentabilidade (CANTARINO, 2007). O problema se mostra

¹ Grivoner (2007), sobre a perda do verdadeiro sentido de acolhimento da hospitalidade, afirma que “a comercialização da hospitalidade e do acolhimento, não podendo ser atribuída como culpa entre os profissionais do turismo, não implica obrigatoriamente uma depreciação dessa prestimosidade. É verdade que o serviço ao cliente e sua exploração financeira são de tal modo imbricados um no outro, que se tornou impossível separa-los”;

na harmonia entre a hospitalidade original [ou conservação, no caso] *versus* a sua exploração comercial (GRINOVER, 2007). A atenção à revitalização do patrimônio histórico tem sido positiva, enobrecendo e valorizando o crescimento da etno-história e das representações do passado e do presente. Logicamente, contribuindo para sustentabilidade do turismo de caráter cultural.

Para fazer frente à banalização do termo sustentabilidade e dos seus princípios, defende-se a “educação patrimonial” como elemento condicionante das práticas de viagem de motivação cultural (CHIOZZINI, 2006). Esse autor afirma que “a educação patrimonial vem ganhando destaque nas discussões sobre patrimônio histórico e também encontra um campo fértil dentro do turismo cultural”. Paralelamente, acredita-se que propostas de educação ambiental, no sentido de educação para o exercício da cidadania planetária, podem ser de grande colaboração ao promover a identificação entre o patrimônio histórico-cultural e a sociedade.

Laraia (2008) afirma que “o homem tem despendido grande parte da sua história na Terra, separado em pequenos grupos, cada um com sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas”. Nesse sentido, Bauman (2003) aponta que “uma coletividade que pretenda ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, e (em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que fica aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição”. O autor promove uma interessante diferenciação entre um agrupamento (ao que chama de coletividade) e uma comunidade (no sentido de identidade, vínculo e cumplicidade).

Outro elemento muito pertinente dentro dessa questão é a diversidade, em seu sentido de mais amplo entendimento. Trigo (2009, p. 144) afirma que os segmentos [comunidades] alternativos formam justamente o pluralismo e a diversidade nas sociedades democráticas pós-industriais, com suas tribos, etnias e grupos com interesses e comportamentos variados.

Mais especificamente, os grupos juvenis tendem a apegarem-se mais em julgamentos, visto que seus membros são, normalmente, mais inseguros e não possuem referenciais sociais. Nesse mesmo sentido, Levisky apud Uvinha (2001) escreve que nos grupos de jovens, o que há de comum é o fato de todos eles estarem à procura de algo, isto é, de estarem à procura de si mesmos [...], no grupo, uns se parecem com os outros e nisso se confortam; um é modelo para o outro; sofrem de angústias semelhantes e na indefinição é que se encontram; dentro do grupo cada um está na busca de si mesmo, e o grupo como unidade existe nesse sentido; o encontro visa, antes de mais nada, a externalizar os próprios pensamentos e confronta-los com os demais.

Conforme Yáziqi (2001), “*construir uma identidade, isto é, dar-lhes uma forma, é legitimar a própria vida,*

porque é a forma que dá fundamento à existência". No mesmo sentido, Laraia (2008) aponta que *"podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica"*. Essa "série de características" é a "forma" a que se refere Eduardo Yáziqi, corroborando os elementos de identificação levantados anteriormente.

Especificamente sobre os ídolos, Bauman (2003) aponta que *"os ídolos, pode-se dizer, foram feitos sob encomenda para uma vida fatiada em episódios. As comunidades que se formam em torno deles são comunidades instantâneas prontas para o consumo imediato – e também inteiramente descartáveis depois de usadas"*. Fato que não descarta a identidade entre os membros do grupo, tampouco os vínculos emocionais compartilhados. Por mais efêmera que seja uma comunidade, ela terá sido intensa enquanto manteve seus propósitos.

Laraia (2008) acredita que *"homens de culturas diferentes usam lentes diversas, e, portanto, tem visões desconstruídas das coisas"*. É interessante como o autor sintetiza de modo contrário a visão do convívio harmônico. Refletir sobre o assunto é complexo, pois a diversidade de cenários é ampla – do ponto de vista geográfico – e está passando por processo de homogeneização – ao passo que a globalização elimina singularidades. O mesmo autor escreve que se trata de um *"tipo de comportamento padronizado por um sistema"*. Sistema que se convencionou chamar de capitalismo liberal.

Os diversos grupos sociais desenvolvem códigos entre seus participantes. O mesmo autor escreve, ainda, que a chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural. A cultura constitui-se de sistemas de símbolos que interagem entre si, ensejando o dinamismo contemporâneo. Ao retomar as reflexões sobre a hospitalidade, é possível observar que, conforme Grinover (2007), o gesto de hospitalidade é, de início, aquele que coloca de lado a hostilidade latente a qualquer ato de hospitalidade, mesmo que, na própria essência de seu funcionamento, a hospitalidade tenha, por necessidade, de manter o estrangeiro como tal, isto é, "preservar certa distância" para preservar sua identidade.

Seguindo esse raciocínio, o autor destaca o "acolhimento" como meio de materialização da dita hospitalidade. E o define como *"o conjunto dos comportamentos [...] para ter um bom êxito na aproximação [...] de uma relação humana de qualidade, com o objetivo de satisfazer sua curiosidade, suas necessidades [...] e na perspectiva de desenvolver e estimular [...] a tolerância e a compreensão entre os seres humanos"* conforme Grinover (2007).

Comentando a construção da identidade das comu-

nidades, Yáziqi (2001) aponta que "deveria ser também uma arte porque redefine nossas relações com outras pessoas, grupos, lugares, coisas [...]". Cabe destacar a chamada do autor ao termo "lugares". A diante será abordado esse tema, ou seja, a percepção e a ligação entre os valores de determinada comunidade e o espaço em que suas relações acontecem.

Pinto (2003) escreve que *"como atividade humana, é necessário considera-la [a comunicação] integrada aos processos culturais e, para estudar sua evolução, não é possível desvincula-la da cultura"*. À ligação comunicação/comportamento refere-se como agente de fortalecimento do vínculo existente dentro de cada grupo social.

Então, ainda que pertencer a uma comunidade seja atingir a plenitude social, Laraia (2008) aponta que *"a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura"*. É relevante registrar que o autor não faz referência sobre as motivações de cada ser, mas infere-se que tais participações são genuínas e de vontade própria. Sem a efetiva participação nos processos interiores ao grupo, desaparece o senso de pertencimento e a efetividade daquela comunidade, o que descaracteriza seus vínculos com "seu" local original.

Cabe refletir acerca da espontaneidade das manifestações culturais, pois a partir do momento em que um vínculo é "forçado" a existir e a se manter vivo, acredita-se que o deixa de ser genuíno. Uma manifestação cultural deixa de ser popular, tornando-se institucional, mesmo que tenha sido anteriormente muito difundida em segmentos subalternos da população, quando seus produtores passam a depender, para sua realização, de uma entidade pública ou privada. Ainda sobre hospitalidade, torna-se oportuno afirmar que hoje esse segmento tem se estruturado por conta de seu comércio. A hospitalidade comercial, ou seja, os negócios ligados diretamente aos serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento, transporte e lazer, institui-se em um paradoxo em vista de sua história, pois em essência é gratuita, espontânea (GRINOVER, 2007).

Interferir direta ou indiretamente no sentido de manter certa tradição ou manifestação é atuar para a extinção da emoção e da afetividade que caracteriza a "vinculação" proposta. Sobre a espontaneidade em manter-se em determinada comunidade, honrando o compromisso hora firmado, Bauman (2003) faz algumas reflexões, a saber:

- A comunidade, cujos usos e princípios são confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere "aprovação social", deve possuir os mesmos traços;
- Ela deve ser e permanecer flexível, nunca ultrapassando o nível "até nova ordem" e "enquanto for satisfatório";

- Sua criação e seu desmantelamento devem ser determinados pelas escolhas feitas pelos que as compõem – por suas decisões de firmar ou retirar seu compromisso;
- Em nenhum caso deve o compromisso, uma vez declarado, ser irrevogável: o vínculo constituído pelas escolhas jamais deve prejudicar, e muito menos impedir, escolhas adicionais e diferentes.

É intrigante como o termo “flexível” aparece por diversas vezes. E quem é o indivíduo que definirá os níveis de flexibilidade? Como no debate sobre os ídolos e a efemeridade das comunidades, pergunta-se: quais membros devem opinar para a criação ou desmantelamento do grupo? E os que desejassem permanecer firmes na proposta? Continuam gozando de legitimidade? Ao que parece, segundo o autor, os compromissos não prejudicariam os papéis exercidos pelas pessoas fora da vida comunitária.

Como visto, o estabelecimento e a consolidação de identidade e vínculos se faz, sobretudo, por meio da comunicação. Seja corporal, escrita ou mesmo pela linguagem. Assim, o tópico a seguir propõe reflexões sobre a competitividade empresarial balizada por preceitos da sustentabilidade.

Caracterização da área estudada: Cubatão, São Paulo, Brasil.

Panorama histórico

A primeira referência formal sobre a localidade data de 1533, quando redigiu-se documento que formaliza a concessão a Rui Pinto, entre outras, as terras da “Barra do Cubatão”.

A cidade foi edificada no sopé da Serra do Mar, que originalmente servia como ponto de parada para as pessoas que acessavam ao planalto paulista desde o litoral. Conforme informações da Prefeitura Municipal de Cubatão (2013), para acessar ao planalto, “*seguia-se no início a trilha dos índios Tupiniquins. Depois, a partir de 1560, através do Vale do Rio Perequê (...). Mais tarde, em 1792, a Calçada do Lorena se tornou o principal caminho entre o litoral e o planalto*”. Anos depois, em 1867, foi inaugurada a estrada de ferro que liga o litoral ao planalto e interior do estado de São Paulo, designada como “São Paulo Railway” (TORRES *et al.*, 2002).

No início do século XX teve início o processo de industrialização do país e, nos anos 1920, iniciaram as obras de construção de duas grandes indústrias: São Paulo Light S.A. Serviços de Eletricidade e fábrica de papel e celulose Companhia Santista de Papel S.A. (denominada originalmente como Companhia Fabril de Cubatão), que iniciou suas operações em 1932. A segunda, por sua vez, motivou a criação da vila Fabril, local de moradia dos funcionários que trabalhavam na empresa.

A essa época tiveram início articulações locais para elevar Cubatão a condição de município, separando, assim, a localidade da administração de Santos. Após anos, em 1949, o distrito ganhou a categoria de município e seu primeiro prefeito foi o Sr. Armando Cunha.

Atualmente, a região possui 1.625.000 habitantes, sendo que Cubatão tem 125.178 (IBGE, 2013). Duas rodovias estaduais permitem esse trânsito tanto para veículos de carga quanto para automóveis: rodovia Anchieta e rodovia Imigrantes, inauguradas respectivamente em 1947 e 1976, sendo que a segunda ganhou ampliação no ano de 2002.

O município de Cubatão é sede de um polo industrial, no qual operam vinte e quatro indústrias. Dentro do panorama histórico apresentado, é importante citar que do total de vinte e quatro empresas, dezoito foram implantadas no período entre 1955 a 1975, investimentos fomentados, essencialmente, por três razões: a localização estratégica entre o Porto de Santos, a capital e o interior do estado; a inauguração da rodovia Anchieta (1947) e, posteriormente, incentivos fiscais e a concessão de terrenos para a implantação dessas indústrias.

Em vista da geografia propícia e a pujança do polo industrial local, duas dessas indústrias – Ultrafertil e Cosipa (atual Usiminas) – possuem terminais portuários, onde recebem matéria prima e embarcam produtos acabados.

É possível inferir, então, que além da geração de empregos, a concentração industrial propiciou a geração de resultados econômicos e financeiros relevantes para o município, já que a arrecadação tributária concentra-se no Imposto sobre operações relativas a circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação (ICMS), oriundo das operações industriais².

O desempenho das indústrias locais e a modernização de serviços públicos abrem caminho para investimentos e parcerias em torno do lazer e do turismo. Nesse sentido, a Administração, aplicou recursos na reforma e modernização de um parque público municipal que localiza-se na região central da cidade. A inauguração do parque Anilinas aconteceu parcialmente em 2011 e, no ano seguinte, foram entregues obras finais dessa área de lazer. Em discurso à ocasião da cerimônia de inauguração, a então prefeita Márcia Rosa afirmou: “Estamos devolvendo ao povo o orgulho de ser cubatense. Esse patrimônio é de vocês, cuidem bem dele. Estamos deixando um legado para a cidade, um parque à altura da grandeza de Cubatão”. É possível perceber, então, o empenho do poder público local em proporcionar espaços públicos de lazer para a população residente e de

²Prefeitura Municipal de Cubatão. Origem e desenvolvimento. Disponível em:

<<http://www.cubatao.sp.gov.br/historia/origem-desenvolvimento/>>.

Acessado em 17 de junho de 2014;

visitantes, já que o espaço recebe eventos artísticos e esportivos.

Nesse mesmo sentido, no que tange a administração pública da atividade turística, Branco (1992) diz que o “*turismo [...] pode ser construtivo e enriquecermos culturalmente. A busca de lugares tranquilos para lazer e aprendizado é muito salutar*”. E a cidade, enquanto espaço de diálogo e convívio entre visitantes e visitados, deve ser administrada no sentido de harmonizar essas inter-relações (de hospitalidade ou hospitalidade, como visto).

No tópico a seguir relata-se a experiência de gestão e operação do roteiro de visitação ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, iniciativa que se encontra alinhada com o bom momento econômico da cidade, que inicia investimentos na promoção turística.

Relato de experiência: roteiro de visitação ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”

O projeto “Ateliê Arte nas Cotas” é parte integrante do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de uma parceria entre o Bando Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado de São Paulo por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), da Fundação Florestal e da Polícia Militar Ambiental. O objetivo do referido projeto é elevar a autoestima dos moradores e promover a construção de nova identidade comunitária.

O roteiro de visitação ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas” foi idealizado e formatado por Renato Marchesini, Guia de Turismo e Diretor de Projetos da Caiçara Expedições, agência de viagens e turismo sediada na cidade vizinha de São Vicente. Ao descer a Serra do Mar, pela rodovia Anchieta, o profissional se deparou com um colorido especial nas casas, muros e praças da Cota 200, comunidade residente nas encostas da Serra do Mar.

A ideia de formatação de um roteiro de visitação ao local partiu da percepção dessa intervenção urbana – até então pouco conhecida – realizada pelos alunos do Ateliê, ainda em fase inicial de operação. Marchesini acredita que “o turismo com base comunitária é uma proposta que beneficia as famílias locais, tanto economicamente quanto na autoestima³”. Assim, além de conhecer pontos turísticos cubatenses, os visitantes podem participar de uma oficina para aprender a técnica de estêncil, que é utilizada pelos alunos para colorir as moradias. Por meio de uma moldura feita com papelão ou plástico, os alunos criam desenhos nas paredes, muros e praças das cotas, por meio da combinação de cores e padrões.

Segundo Fernanda Saguas Tresas, coordenadora do projeto, “será uma alegria mostrar o trabalho social feito

no ateliê e nos outros projetos do bairro. Incluir os bairros Cota em um passeio por Cubatão é algo incrível e diferente⁴”. O roteiro caracteriza-se pelo rico patrimônio natural, histórico, arquitetônicas, cultural e social local.

A visitação a sede do projeto inclui uma apresentação sobre a iniciativa, suas intervenções artísticas na comunidade da Cota 200 e uma oficina prática. Assim, além do próprio projeto, são visitados a Vila Fabril, o Largo do Sapo, o Cruzeiro Quinhentista e o Parque Anilinas. Adicionalmente, são avistados ao longo do trajeto: o Parque Estadual da Serra do Mar / Núcleo Itutinga-Pilões, a Usina Henry Borden e o polo industrial da cidade.

Ao chegar a Cota 200 realiza-se uma parada em um mirante que fica em uma pequena praça conhecida como Praça das Mangueiras, construída para a comunidade residente de onde é possível contemplar o encontro das duas pistas da rodovia Imigrantes, a rodovia Anchieta, e, ao longe, as cidades de Cubatão, Santos, Guarujá, São Vicente e Praia Grande⁵.

É interessante citar a aceitação do projeto. A senhora Lúcia Georgina Moura (comerciante local) afirma: “*eu adorei o colorido no meu comércio, o bairro está mais alegre e alto astral, muito boa essa iniciativa*”. No mesmo sentido, a senhora Fátima Maria Costa (aluna do projeto) aponta que o projeto “*ajuda a formar uma favela, [que] é um pedacinho da gente nestes desenhos. Fica mais bonito*”.

A turista Marli Cuzzo, após ter apreciado as pinturas, o entorno, a comunidade e a paisagem, afirma que “*É a primeira vez que eu visito uma comunidade, uma favela mesmo, confesso que eu tinha receio, mas mudei totalmente a concepção, achei interessante, lindo*”.

Em termos de resultados quantitativos, verifica-se que até 2013, mais de três mil moradores da localidade já aderiram as oficinas oferecidas gratuitamente pelo projeto “Ateliê Arte nas Cotas”. Adicionalmente, cerca de 60 pessoas se formaram no curso de “Intervenção em Arte Urbana”.

Além disso, destaca-se que a implementação de projetos como esse contribui para a sustentabilidade urbana, socioeconômica, ambiental e cultural das intervenções promovidas pela CDHU, pois o trabalho é ancorado em princípios de construção do pacto social preliminar como subsídio e apoio à intervenção física urbana e organização comunitária com desenvolvimento local.

3. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do turismo de base comunitária

⁴ *Idem.*;

⁵ A Tribuna. Turistas visitam Cota 200 e Cubatão quer criar turismo comunitário. Disponível em:

<<http://www.tribuna.com.br/2.685/turistas-visitam-cota-200-e-cubat%C3%A3o-quer-criar-turismo-comunit%C3%A1rio-1.277559>>. Acessado em 16 de junho de 2014;

³Diário do Litoral. Cubatão entra no roteiro do Turismo Comunitário. Disponível em: <<http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/9351-cubatao-entra-no-roteiro-do-turismo-comunitario>>. Acessado em 16 de junho de 2014;

em Cubatão configura-se como elemento de diferenciação mercadológica tanto para a imagem da cidade quanto para a agência de viagens e turismo que opera esse roteiro.

Ao mesmo tempo em que aumenta a competitividade entre os destinos turísticos cresce a disputa por clientes entre os prestadores de serviços turísticos. Desse modo, torna-se essencial fomentar novos modelos de gestão, operação e promoção dos produtos turísticos.

É pertinente afirmar que a visitação a comunidade Cota 200 tende a fortalecer vínculos, ajudar a mudar a imagem que as pessoas – residentes e visitantes – têm da cidade e da comunidade e pode colaborar para a manutenção da qualidade de vida da população local uma vez que atrai investimentos e propicia o consumo no local. O projeto “Ateliê Arte nas Cotas” é integrante de um amplo programa de recuperação socioambiental regional, nesse sentido, poderá, inclusive, estabelecer novas relações e fortalecer relações comunitárias já existentes entre outras comunidades semelhantes.

O trabalho foi organizado em dois tópicos temáticos, sendo o primeiro sobre a convivência e a coabitação em comunidade, onde se insere a atividade turística e as relações de hospitalidade entre visitante e visitado. E no segundo apresentou-se no terceiro fragmento, um panorama histórico e dados socioeconômicos sobre a cidade de Cubatão. Foi apresentado, também, o relato de experiência de visitação ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”.

Como resultados, verificou-se que há alta adesão dos moradores locais, tanto participando dos cursos práticos quanto autorizando a pintura de suas casas. Como visto, até 2013, mais de três mil moradores da localidade já aderiram as oficinas oferecidas gratuitamente pelo projeto “Ateliê Arte nas Cotas”.

Adicionalmente, cerca de 60 pessoas se formaram no curso de “Intervenção em Arte Urbana”. Foi possível constatar, ainda, expressão do orgulho dos moradores cujas casas foram coloridas por meio do projeto, sobretudo, por que passaram a receber visitantes.

Conclui-se que, nesse caso, o roteiro promovido pela Caiçara Expedições ajuda a valorizar as pessoas e a iniciativa do projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, promover a identidade cultural local e a desmistificar e transformar a realidade socioeconômica local pelo turismo.

REFERÊNCIAS

- [1] A Tribuna. Turistas visitam Cota 200 e Cubatão quer criar turismo comunitário. Disponível em: <<http://www.tribuna.com.br/2.685/turistas-visitam-cota-200-e-cubat%C3%A3o-quer-criar-turismo-comunit%C3%A1rio-1.277559>>. Acessado em 16 de junho de 2014.
- [2] BARRETO, M. (2002). Turismo e legado cultural. Campinas (SP): Papyrus.
- [3] BAUMAN, Z. (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- [4] BRANCO, S. M. (1992). A Serra do Mar e a baixada. São Paulo: Moderna.
- [5] Caiçara Expedições. Roteiro Cultural apresenta uma nova face dos bairros cota de Cubatão. Disponível em:
- [6] <<http://www.blogcaicara.com/2013/04/roteiro-de-turismo-com-unitario-roteiro.html>>. Acessado em 16 de junho de 2014.
- [7] Caiçara Expedições. Turismo com Base Comunitária Cota 200 / Cubatão (SP). Disponível em: <<http://www.caicaraexpedicoes.com/antigo/produto.php?produto=242>>. Acessado em 16 de junho de 2014.
- [8] Caiçara Expedições. Turismo Comunitário em Cubatão: Cota 200. Disponível em: <<http://www.blogcaicara.com/2013/04/turismo-comunitario-e-m-cubatao-cota-200.html>>. Acessado em 16 de junho de 2014.
- [9] CANTARINO, C. (2007). Onde está o patrimônio da cidade? Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): n° 6, janeiro/fevereiro.
- [10] CHIOZZINI, D. (2006). Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos. Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): n° 3, janeiro/fevereiro.
- [11] Diário do Litoral. Cubatão entra no roteiro do Turismo Comunitário. Disponível em: <<http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/9351-cubatao-entra-no-roteiro-do-turismo-comunitario>>. Acessado em 16 de junho de 2014.
- [12] GRINOVER, L. (2007). A hospitalidade, a cidade e o turismo. São Paulo: Aleph.
- [13] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acessado em 10 de junho de 2014.
- [14] LARAIA, R. B. (2008). Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- [15] PINTO, V. N. (2003). Comunicação e cultura brasileira. São Paulo: Ática.
- [16] Prefeitura Municipal de Cubatão. Origem e desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.cubatao.sp.gov.br/historia/origem-desenvolvimento/>>. Acessado em 17 de junho de 2014.
- [17] TRIGO, L. G. G. (2009). Ascensão dos prazeres na sociedade atual: Turismo GLS. In: Segmentação do Mercado Turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri (SP): Manole.
- [18] UVINHA, R. R. (2001). Juventude, lazer e esportes radicais. Barueri (SP): Manole.
- [19] WALL, G. (1997). Is ecotourism sustainable? Environmental Management: n° 4, vol.21, p. 483-491.
- [20] YÁZIGI, E. (2001). A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto.

